

Moeda: uma grande tecnologia humana



Ricardo Cabral

A moeda terá sido inventada muito antes da escrita, que terá surgido na Mesopotâmia há mais de 5300 anos, em 3300-3400 AC)

Max Planck, o grande físico alemão, escreveu na sua *Autobiografia Científica* um parágrafo que hoje é conhecido pelo princípio de Planck e parafraseado com a expressão “a ciência avança funeral a funeral”. Ou seja, a tese de Planck seria que, em muitos campos da ciência, o consenso dominante pode evoluir lentamente e, em consequência, pode não ser o correcto.

Em alguns aspectos da teoria da moeda (i.e., teoria do dinheiro) parece ser esse o caso, i.e., existe um consenso dominante que não será inteiramente correcto.

O que é moeda? (pedindo emprestado o título de um artigo famoso de Alfred Mitchell-Innes de 1913).

O consenso dominante, por exemplo, nos escritos de Aristóteles e de Adam Smith e também presente ainda em muitos livros de texto de Economia, é que as sociedades primitivas se baseavam em trocas directas e que o dinheiro surgiu para facilitar as trocas comerciais. Ora, esta tese será incorrecta.

O economista Alfred Mitchell-Innes (em 1913) e mais recentemente, os economistas Randall Wray e Michael Hudson e os antropólogos Caroline Humphrey (em 1958) e David Graber, autor do livro *Dívida: os primeiros 5000 anos*, defendem que antes da moeda apareceu o crédito (e a dívida). A moeda era inicialmente a unidade de conta para registar crédito (e dívida).

Moeda como tecnologia primitiva

A moeda é uma invenção e uma “tecnologia” muito antiga. De acordo com a *Wikipedia*, os primeiros sistemas monetários apareceram há 30 mil anos, mas formas de unidade de conta poderão ter sido desenvolvidas muito antes. Contudo, os primeiros registos contabilísticos no sentido de sistema monetário terão sido introduzidos muito depois na Mesopotâmia antiga há mais de 7000 anos.

Ou seja, a moeda terá sido inventada muito antes da escrita (que terá surgido também na Mesopotâmia há mais de 5300 anos, em 3300-3400 AC). Randall Wray argumenta que a escrita não foi desenvolvida por poetas, mas sim por contabilistas para manter registos de montantes de moedas (e

de dívidas). Isto porque os primeiros registos escritos são todos acerca de moedas e de dívidas.

Porque a moeda precede a escrita, não se conhece a razão que terá levado as sociedades primitivas a inventarem a moeda. Randall Wray argumenta que a hipótese que lhe parece mais convincente é que as sociedades primitivas inventaram a moeda para poder relacionar o valor de diferentes tipos de indemnizações entre membros de pequenas tribos por ofensas cometidas - Veregildo (“*blood money*”).

A moeda não surgiu para substituir as trocas directas

Num artigo publicado em 1985, a antropóloga Caroline Humphrey afirmou: “Nenhum exemplo de economia de troca, puro e simples, foi alguma vez descrito, muito menos [existe evidência que uma economia de troca terá] dado origem [a um sistema monetário, ...] Toda a etnografia disponível sugere que nunca ocorreu tal coisa” (texto em itálico do autor).

David Graber concorda com Caroline Humphrey realçando que “todos os livros de texto continuam a apresentar a mesma velha sequência: primeiro veio a troca directa, depois a moeda e finalmente o crédito.” E essa história não estará correcta porque não é suportada pela evidência existente.

A moeda terá surgido para definir preços relativos.

Não é o metal que dá o valor à moeda

Outra das percepções incorrectas é que nas primeiras moedas metálicas o valor da moeda dependia do valor do metal de que era feita, ou seja, que existia um padrão metálico de valor, i.e., que as primeiras moedas teriam algum valor intrínseco. Ora

essa foi uma construção muito posterior.

As primeiras moedas metálicas apareceram no século VI ou VII AC na antiga Grécia ou na antiga Lídia. As primeiras moedas metálicas da antiga Lídia eram fichas (i.e., “*tokens*”, unidades de conta, registos) constituídas por uma liga de composição variável de prata e ouro - o *electrum*, com pesos variáveis. Mas o crédito e a moeda como unidade de conta surgiu muito antes das primeiras moedas metálicas.

Ou seja, não era o metal que dava o valor às primeiras moedas cunhadas. Era a cunhagem do metal como moeda que criava o registo ou a ideia de valor. Segundo Mitchell-Innes o peso ou composição das moedas metálicas não eram importantes. Não existia convertibilidade entre as moedas e um determinado peso em ouro ou prata.

Aliás, no Reino Unido, ao longo de sete séculos desde Henry I (1100) até 1826, utilizavam-se registos de dívida em paus de madeira do Tesouro britânico (“*Exchequer*

tallies”) como moeda e para a cobrança de impostos.

De facto, a função quase exclusiva do Tesouro Britânico, ao longo de séculos, foi gerir esse sistema de pagamentos de “*tallies*” de paus de madeira, mantendo o registo de créditos e dívidas do governo, mais do que receber impostos ou pagar despesa pública em (moedas de) ouro ou de prata.

A moeda é também um modelo

O ponto que gostaria de salientar é que a moeda é uma invenção muito antiga, das primeiras sociedades primitivas, que perdurou no tempo e que se globalizou, um instrumento de um enorme simplicidade e eficácia.

Existirão poucas tecnologias na história da humanidade com tal duração, flexibilidade e escalabilidade: introduzidas há dezenas de milhares de anos por pequenas sociedades tribais, que não sabiam nem ler nem escrever, são hoje utilizadas por sociedades humanas altamente complexas com centenas de milhões de indivíduos, em circuitos de produção que atravessam o globo.

Talvez a propriedade mais importante da moeda é que é também um modelo da realidade e um modelo das relações humanas em diversas dimensões.

E a provocação que aqui deixo é que é estranho que esta tecnologia tão antiga não evolua de forma mais substantiva do que tem ocorrido e que não seja substituída por outra tecnologia mais avançada. Porque o registo de créditos e de dívidas se afigura um modelo demasiado simples de uma realidade cada vez mais complexa.

Professor de Economia do ISEG. Escreve à segunda-feira

Randall Wray argumenta que a escrita não foi desenvolvida por poetas, mas sim por contabilistas, para manter registos de montantes de moedas (e de dívidas)



Moeda de Miletos, Ionia, pre-575 AC, de *electrum*